

Bilene ultrapassa meta de comercialização da castanha

● Compradas 1472 toneladas nesta campanha

N. 14/4/92

O distrito de Bilene, na província de Gaza, comprou na presente campanha de comercialização 1472 toneladas de castanha de caju, cifra que representa o dobro da meta que havia sido fixada para o distrito. De acordo com o administrador-adjunto de Bilene, Francisco Bráz Muchanga, que revelou esta informação à nossa Reportagem, a campanha ultrapassou todas as expectativas, não obstante as dificuldades originadas pela acção inimiga na zona.

«A presente campanha ultrapassou todas as expectativas, pois, diga-se em abono da verdade, que ninguém estava à espera de resultados como estes. Isto não só aconteceu com os intervenientes como também com a fábrica de processamento da castanha de caju, que de um momento para o outro se viu sem fundos nem espaço para receber mais castanha, razão pela qual estes foram obrigados a escoar o seu produto para a capital do país», disse Francisco Muchanga.

Alguns intervenientes envolvidos no processo de comercialização disseram à nossa Reportagem que o processo teria corrido muito melhor se a Banca tivesse concedido os financiamentos solicitados.

O presidente da Associação das Cooperativas de Consumo do Bilene, Marcelino Massingue, disse que a sua agremiação por falta de fundos apenas comprou 60 das 300 toneladas definidas como meta.

De acordo com a nossa fonte, a Secretaria de Estado do Caju deverá desenvolver nas próximas campanhas um papel mais activo com vista à aproximação dos intervenientes com as entidades bancárias, dado que a falta de financiamentos concorre negativamente para comercialização da castanha de caju, uma importante fonte de captação de divisas para o país.

No tocante à comercialização de mafurra, o distrito de Bilene comprou 200 toneladas nesta campanha que teve no armazenista José Marques de Almeida o único interveniente no processo. Os restantes intervenientes não participaram com receio de ficar com o seu capital empatado, tal como aconteceu nas campanhas anteriores, em que a FASOL não liquidou de imediato os montantes respeitantes à mafurra que havia recebido dos seus clientes.

Este problema só viria a ser resolvido num encontro havido em Xai-Xai entre a direcção da FASOL e os intervenientes que tinham fornecido mafurra a esta empresa oleagínosa.

AUTORIDADES DISTRITAIS DEFINEM APROVEITAMENTO DE REGADIOS

O administrador-adjunto de Bilene disse à nossa Reportagem que face à seca que assola o distrito, as autoridades locais definiram como prioritário o aproveitamento racional dos regadios existentes para a produção agrícola.

Acrescentou que fez-se um levantamento minucioso por forma a que seja realizado um aproveitamento integral das áreas de regadio

existentes, que totalizam 7000 hectares.

Francisco Muchanga disse que ficou acordado entre os produtores agrícolas da região que os que não têm meios financeiros para explorar a área do

seriam afectadas pelas acções armadas da Renamo, havendo no entanto camponeses que produzem mas em condições extremamente difíceis.

O aproveitamento dos regadios no distrito de Bilene, segundo Francisco Muchanga, vai ter lugar numa altura em que mais de 74 mil das 82 mil pessoas residentes encontram-se numa situação de afectados de guerra, para além de estarem acomodadas na vila da Macia cerca de oito mil deslocados.



Apesar da guerra e da falta de fundos, o distrito de Bilene ultrapassou a meta de comercialização da castanha de caju. (Foto do Arquivo)

regadio devem ceder essas terras, a título de empréstimo, aos que tenham possibilidades para fazer um melhor aproveitamento. «Queremos evitar que existam mortes devido à fome», realçou o administrador-adjunto de Bilene.

O nosso interlocutor disse que a actual situação da seca é agravada pelo facto de muitas regiões potencialmente agrícolas estarem

«Tentaremos agir em função das nossas capacidades, mas estou certo que algo de positivo será alcançado e nós já fizemos chegar a todos os postos administrativos a exortação do Governo provincial para que as populações semeiem culturas resistentes à seca, nomeadamente batata-doce e mandioca», disse a terminar Francisco Muchanga.